

Uma pequena chama da imprensa estudantil do Piauí: jornal *Flâmula* e análise da produção discursiva da coluna “Meu Cantinho”¹

Nilsângela Cardoso LIMA²

Doutora

Jailson DIAS³

Mestrando

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

Resumo

O presente trabalho analisa o jornal *Flâmula*, produzido pelo Grêmio Literário da Costa e Silva, e a produção discursiva da coluna “Meu Cantinho”, assinada por Alberto Nunes, no período de março de 1952 e janeiro de 1953. Para tanto, recorreu-se ao conceito de jornalismo estudantil de Amaral (2013) e Werle, Brito e Nienov (2007) e a metodologia da Análise do Discurso, na perspectiva de Foucault (2009a; 2009b). Através da análise do jornal *Flâmula* e da coluna “Meu Cantinho”, compreende-se que o jornal foi utilizado como instrumento pedagógico e dispositivo para fazer circular ideias, conceitos, críticas sobre a cidade de Picos. Ainda, os discursos publicados por Alberto Nunes refletem os anseios de um determinado grupo social que pretendia ver a cidade de Picos entrar no rol dos centros populacionais civilizados e desenvolvidos do país, quer por meio da escola formal, quer pela imprensa.

Palavras-chave: História da Mídia Impressa. Imprensa estudantil. *Flâmula*.

1 Introdução

Na atualidade a cidade de Picos, localizada no sertão central do Piauí, a 307 km da capital Teresina, não dispõe de nenhum jornal impresso. Imperam rádios, uma emissora de TV pública e inúmeros portais de notícias na internet. Porém, esse retrato da mídia picoense nem sempre foi assim. Ao longo da sua história como um município independente, muitos periódicos surgiram e desapareceram em Picos. Quase todos repetiam as mesmas características da imprensa brasileira e piauiense de surgirem vinculados a grupos familiares

¹ Trabalho apresentado no GT História da Mídia Impressa, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI e do Curso de Comunicação Social da UFPI. email: nilsangelacardoso@ufpi.edu.br

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPI, Professor da Faculdade R. Sá, email: jailsondias2@hotmail.com.

de poder político e econômico que faziam das folhas instrumentos ideológicos voltados, sobremaneira, a para as disputas partidárias, fato verificado no século XIX, mas que também pode ser observado nas publicações do século XX (REGO, 2001; LIMA, 2014).

Além dos jornais vinculados a partidos políticos ou grupos familiares de poder econômico, no Brasil e no Piauí, desde o século XIX, registram-se a existência de uma imprensa estudantil, que até o momento tem recebido pouca atenção dos pesquisadores. Entende-se por imprensa estudantil aquela que é desenvolvida e publicada de forma periódica dentro das instituições escolares, podendo ser produzida por diretores, professores, inspetores e/ou estudantes, podendo ou não contar com outros colaboradores. Tais jornais apresentam um arsenal rico de informações sobre a cultura escolar, a literatura e assuntos diversos, o que desperta o interesse em estudá-los, ao tempo em que também é preciso deixar claro que nem sempre é uma empreitada fácil, quer pela dificuldade de encontrar as edições em arquivos públicos ou particulares, quer pela efemeridade das publicações.

Frente ao exposto, é que o presente trabalho tem por interesse analisar o jornal estudantil *Flâmula*, produzido pelo Grêmio Literário da Costa e Silva, do Ginásio Estadual Picoense. O órgão foi criado em 15 de março de 1952 e ao longo de suas páginas podem ser encontradas matérias que tratam de temáticas diversas, como literatura e até de fatos sociais verificados na cidade. No curto período em que circulou, o *Flâmula* terminou por transpor os muros da escola que tinha por sede tornando-se um dos jornais mais importantes da cidade de Picos nos anos 1950.

Estudar o jornal *Flâmula* é chamar a atenção para a existência de jornal estudantil no interior do Estado do Piauí, num período em que educação formal ainda era privilégio de uma parcela da população e que muitos jovens desejam atuar como jornalistas. Nesse sentido, busca-se construir uma narrativa sobre a história da imprensa estudantil no Piauí, particularmente, do jornal *Flâmula* que, em 1952, fez repercutir ideias e pensamentos de um conjunto de sujeitos sociais, vinculados ou não ao Ginásio Estadual Picoense, que consideravam a imprensa um meio pelo qual poderiam se apropriar das práticas jornalísticas e até serem reconhecidos como intelectuais.

Para compreender a participação da mocidade picoenses na imprensa, selecionou-se a coluna “Meu Cantinho”, assinada Alberto Nunes, que se encontra publicada em oito das treze edições do jornal *Flâmula* disponível para a pesquisa. Para tanto, recorreu-se ao conceito de jornalismo estudantil proposto pelos autores Amaral (2013) e Werle, Brito e Nienov (2007). E a metodologia adotada foi a Análise do Discurso, na perspectiva de

Foucault (2009a; 2009b), que considera que todo discurso possui um suporte institucional e é controlado por um conjunto de procedimentos externos e internos a ele. A par dessa premissa, Foucault (2009a; 2009b) sugere que se faça uma leitura arqueológica do documento que, por sua vez, devem ser compreendidos como monumento. Em outras palavras, o autor afirma que é preciso questionar os documentos a fim de entender por quem, para quê e em quais circunstâncias históricas os discursos foram construídos e materializados.

Considerando que a imprensa estudantil é um suporte material de vários discursos, é que se analisa o jornal *Flâmula*, particularmente a coluna “Meu Cantinho, que abrigava as expectativas, os desejos, as idealizações, as críticas etc. de Alberto Nunes sobre a cultura, a religião, a sociedade e a educação em Picos no ano de 1952.

2 Imprensa estudantil brasileira e piauiense

Desde século XIX há registros da imprensa estudantil no Brasil. Estudiosos de diferentes regiões do país são enfáticos na afirmação de que ainda se trata de um tema pouco estudado e, geralmente, aqueles que se dedicam ao assunto se deparam com algumas dificuldades. No entanto, graças aos esforços de alguns pesquisadores da área da Educação, da História e da Comunicação, por exemplo, a imprensa estudantil tem sido objeto de estudo.

Falar de imprensa estudantil, antes de mais nada, considera-se importante definir o que se entende por tal. Werle, Brito e Nienov (2007, p. 82) destacam que os impressos estudantis fazem parte “conjunto de meios de comunicação e publicação periódica referenciados à educação. Imprensa pedagógica e imprensa educacional são algumas das designações que tais fontes podem receber”. Na maioria das vezes, é um impresso produzido e publicado por instituições escolares e contam com a participação de diretores, professores, inspetores alunos com o objetivo de fazer circular suas ideias, valores e regras institucionais ou sociais que entendem que precisam ser compartilhados, reforçados e reafirmados pelo discurso jornalístico.

Na primeira metade do século XX, quando o escolanovismo ganha força no Brasil, a produção de jornais dentro das institucionais escolares praticamente se tornou uma obrigatoriedade nas escolas laicas e católicas. Nesse momento, conforme Amaral (2013), os jornais estudantis se configuravam como uma atividade pedagógica importante para despertar o espírito de iniciativa e liderança dos jovens que fossem concernentes aos ideais do escolanovismo e do nacional-desenvolvimentista voltado para o processo de industrialização

do país. Na década de 1930, por exemplo, o jornal estudantil era utilizado como um instrumento pedagógico e a produção do impresso se fazia sob a supervisão de professores com o objetivo de preparar o aluno para ordem, o progresso e a cooperação, fazendo parte da política estadonovista. A princípio, o interesse era unir a escola à sociedade, sem que diretamente se projetasse a atividade jornalística dentro da escola como um treino para que mais tarde o aluno se tornasse um jornalista. Contudo, “[...] o exercício que o jornal escolar facilita, poderá ser o ponto de partida da revelação de uma tendência” (CASASANTA, 1939, apud AMARAL, 2013).

A maioria dos autores ponderam que a imprensa estudantil fornece vários indícios para a compreensão da vida e da cultura escolar num determinado contexto social e período histórico. Entretanto, há de se considerar que para além dos valores, regras, práticas, ritos e crenças compartilhados na escola, os jornais também apresentam conteúdos que ultrapassam o muro da escola, na medida em que trazem à baila assuntos mais gerais, tais como: sociedade, cultura, economia e política da cidade em que pertenciam. É o caso do jornal *Flâmula*, que se definia como literário e noticioso e preenchia suas páginas não só com assuntos ligados a vida e a cultura escolar, mas, igualmente, assuntos gerais.

De acordo com Lopes (2016), no Piauí, há registros da imprensa estudantil no século XIX através da publicação do jornal *A Mocidade Piauiense*, que se identifica como órgão dos alunos do Colégio Nossa Senhora das Dores, e teve duração uma pequena duração de 1883 a 1885. No século XX, o número de impressos estudantis se amplia, sendo geralmente identificados como órgão oficial do colégio ou órgão do(a)s aluno(a)s de ginásios, da Escola Normal e de Liceus.

Dentre os jornais escolares piauienses do século XX, *O Livro* e *Flâmula* são os dois impressos que mais possuem exemplares conservados, de acordo com a pesquisa realizada por Lopes (2016). *O Livro* surgiu em novembro de 1917, no Colégio 24 de Fevereiro, localizado na cidade de Floriano no interior do Piauí, que era uma instituição privada e confessional. O jornal circulou até 1924 e tinha por objetivo “servir como difusor do ideal católico de informação e formação cristã” (LOPES, 2016, p. 99). Já o *Flâmula* surgiu na cidade de Picos (PI) e teve sua primeira edição impressa em 15 de março de 1952. O órgão era produzido pelo Grêmio Literário da Costa e Silva, do Ginásio Estadual Picoense, e, segundo Lopes (2016, p. 102), teve a “[...] peculiaridade de já nascer com uma gráfica própria, que segundo o próprio jornal, resultava da generosidade do povo picoense e de ‘verdadeiros amigos da instrução de outros municípios’ (INAUGURADA, 1952, p. 1)”.

O jornal *Flâmula*, assim como muitos outros jornais escolares do século XX, era produzido pelo grêmio estudantil. No caso do Ginásio Estadual Picoense, tanto o grêmio estudantil quanto o jornal contaram com a participação dos professores para que fossem criados dentro do ambiente escolar. Lopes (2016), ao analisar a primeira edição do jornal *Flâmula*, identifica que o professor Vidal de Freitas, à época diretor do ginásio, foi um dos promotores para o surgimento do jornal e da gráfica Ginasial. É nessa mesma edição, logo abaixo do cabeçalho, que se encontra em “letras garrafais” a data da inauguração da gráfica Ginasial, identificada como oficina do Grêmio Literário da Costa e Silva.

Na primeira edição pode ser encontrada várias matérias que ajudam a compreender os objetivos do jornal e a escolha do nome *Flâmula*. A denominação de “pequena chama” para o jornal não tinha por interesse diminuir sua importância frente aos demais periódicos existentes no Piauí naquele momento. Antes, buscava se autodefinir como facho luminoso existente na imprensa local que sinalizaria a existência de uma publicação com grandes ideais para leitores com sede de saber. A assertiva é feita por José Albano de Macêdo, presidente do Grêmio Literário da Costa e Silva e gerente do jornal em março de 1952, ao longo do discurso que proferiu no momento da inauguração da oficina, no qual também afirmava que o órgão chegava para “engradecer e dar nova vida a Picos” (LUTANDO POR IDEAL, 1952, p. 3).

No expediente do jornal, há informações sobre a composição da redação de *Flâmula*. Em 15 de março de 1952, o jornal tinha como diretor, Alfredo Leopoldo Albano; gerente, José Albano de Macêdo; Redator Chefe, Albertino Leal Barros; como redatores: José Rafael Filho, Mário Marreiros e Luiz Alencar Bezerra e como superintendente, o prof. Acilino Leite. Esse último dado é um indício que a produção discursiva do jornal passava por controle da direção da escola por intermédio do professor. O que não é nenhuma novidade quando se verifica que “[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar sua pesada e temível materialidade”, como assegura Foucault (2009a, p. 8). No caso do jornal *Flâmula* não é difícil compreender os procedimentos de controle internos e externos ao discurso, considerando que se encontrava dentro de uma instituição escolar com normas, valores e regras definidas e que estava a serviço de seus interesses e de outros grupos sociais.

É preciso ressaltar ainda que no periódico não escreviam apenas os estudantes e professores do Ginásio Estadual Picoense, mas pessoas que ocupavam algum cargo de

relevância na sociedade também eram chamadas a contribuir. No caso da coluna “Meu Cantinho”, assinada por Alberto Nunes, verifica-se a participação do inspetor federal do Ginásio Estadual Picoense e que, à época, ocupava a função de coletor de rendas federal e redator-chefe do jornal *A Ordem* de Picos (SOUSA, 2019). Na coluna “Meu Cantinho”, Alberto Nunes se identificava como colaborador.

A coluna “Meu Cantinho”, assinada por Alberto Nunes, se prolonga por oito edições do *Flâmula*. Em cada edição, Alberto Nunes publica crônicas e trata de temas diversos, dentre eles: religião, datas comemorativas e filmes. Embora as temáticas sejam interessantes, neste artigo, será dada maior atenção para a primeira coluna que foi publicada na quarta página da primeira edição do jornal, em 15 de março de 1952. Nessa página, ele vai exaltar brevemente o feito dos estudantes Ginásio Estadual Picoense em lançar o periódico, bem como falar de certas situações da sociedade e da educação de Picos do início dos anos 1950.

3 *Flâmula*, coluna “Meu Cantinho” e a produção discursiva sobre a educação e a imprensa estudantil em Picos

O jornal *Flâmula*, como já dito, apresenta um diferencial quanto a outras publicações picoenses e piauienses por ser estudantil e também literário e noticioso. Por se tratar de uma produção feita por estudantes e outras pessoas letradas, o jornal publica matérias com opiniões gerais sobre datas comemorativas religiosas ou seculares, fatos marcantes da história e também acontecimentos que movimentavam e eram de interesse da sociedade picoense. Em termos gerais, as matérias de teor opinativo e literário prevalecem em suas páginas.

Lima e Sobrinho (2020) discorrem sobre a prática do jornalismo literário no Piauí no século XIX, como um lugar que era utilizado principalmente pelos letrados, comumente filhos de famílias abastadas, que tinham a possibilidade de estudar em outras províncias.

O jornalismo literário surgiu basicamente do cruzamento entre as práticas jornalísticas e o mundo da literatura. A concepção brasileira mais aceita e difundida até hoje por grande parte dos pesquisadores é a de que o jornalismo literário se remete ao século XIX, quando a profissão propriamente dita do jornalista ainda se encontrava em formação e o material noticiado nos jornais era produzido por literatos, políticos e jovens que dominavam a escrita (LIMA; SOBRINHO, 2020, p. 230).

Embora a citação remeta ao jornalismo literário do século XIX, é possível compreender que a situação não mudou tanto em meados do século XX, como pode ser visto

no jornal *Flâmula*. Em 1952, a direção e a redação do jornal eram compostas em sua maioria por membros do Grêmio Literário da Costa e Silva, estudantes e outros colaboradores que dominavam a gramática e tinham interesse em ver seus textos publicados num jornal. Os que escreviam nas páginas do periódico não eram jornalistas profissionais, mas se tratava de jovens que viam o jornal como um dispositivo capaz de fazer circular suas ideias, exprimir conceitos, refletir sobre sua vida de estudante e contribuir para a formação da intelectualidade piauiense.

O objetivo do jornal *Flâmula* é registrado na sua primeira edição em várias matérias que discorriam sobre a chegada de uma tipografia no sertão do Piauí. Dentre as finalidades, os idealizadores do órgão o viam como um instrumento de preparação de futuros intelectuais, contribuindo para despertar na mocidade estudantil o interesse pela leitura e produção literária e para o desenvolvimento da educação e da juventude da região de Picos (LOPES, 2016). O *Flâmula* ficou marcado na memória coletiva da sociedade picoense. Teve vida curta, como a maioria dos periódicos estudantis e políticos daquela época. Circulou entre 15 de março de 1952 e 18 de janeiro de 1953, lançando nesse período um total de 14 edições apenas. Essas edições encontram-se digitalizadas no Museu Ozildo Albano, exceto a 13ª edição.

Cada edição de *Flâmula* tinha quatro páginas e não raramente, as colunas começavam em uma página e terminavam em outra, como era comum no jornalismo de então. Mesmo sendo um jornal estudantil, o exemplar era vendido ao preço de C\$ 1,00. A cobrança do valor do impresso não é uma singularidade do jornal *Flâmula*, pois a maioria dos jornais estudantis, para sobreviver, recorreram da venda de assinaturas e da publicidade, além da venda dos exemplares para manter sua tipografia em pleno funcionamento. Uma particularidade do jornal *Flâmula*, se é que se pode confirmar isso, é o fato de a gráfica Ginásial ter contado com verbas do município e a realização do Concurso da Rainha dos Estudantes para manter suas despesas. Mesmo com todos esses subsídios, o jornal não pôde se manter por muito tempo, encerrando suas atividades em janeiro de 1953, antes mesmo de completar um ano.

A chegada de um jornal na cidade de Picos, em 1952, era interpretada como sinal de civilização, de progresso e de avanço material e intelectual, ainda mais quando se registra que em meados do século XX, havia apenas três escolas de ensino primário, uma única livraria e uma multidão de analfabetos. Em 1950, de acordo com Sousa (2005), apenas 26% da população de Picos com mais de 10 anos eram alfabetizadas e o ensino secundário, até 1950, era inacessível para a maioria pelo fato de na cidade não ter nenhum ginásio. É somente em 1948, através da lei estadual nº 90, que é criado o Ginásio Estadual Picoense, mas que só

passa a funcionar em março de 1950 (SOUSA, 2016). Mesmo com a implantação do ensino secundário em Picos, havia dificuldade para ingresso nesse nível de ensino, em especial, pela exigência dos exames de admissão que torna ainda mais seletivo o ingresso da mocidade no ensino formal (SOUSA, 2005).

O jornal *Flâmula*, por sua vez, abrigou em suas páginas matérias que refletiam sobre o problema da educação do Piauí, além de abrir espaço para a publicação de leis municipais e assuntos ligados a vida política, economia, cultura e sociedade. De acordo com Lopes (2016), apesar de *Flâmula* ser definido como um jornal estudantil, nota-se que a direção quis ampliar seu público leitor para além dos sujeitos vinculados à escola. Ação que pode ser identificada tanto em termos de conteúdo, que não se restringia a vida escolar do Ginásio Estadual Picoense, como também na admissão de textos de outras pessoas que não fossem alunos, professores e/ou inspetores.

Nesse sentido, chama a atenção a coluna “Meu Cantinho”, assinada pelo inspetor do Ginásio Estadual Picoense, Alberto Nunes, que se autodenominou de colaborador do jornal *Flâmula*. Publicada desde a primeira edição de *Flâmula*, Alberto Nunes não esconde o seu prazer especial em ser colaborador da publicação. Ao longo da coluna “Meu Cantinho”, o colunista revela que foi convidado para escrever para o jornal, fato que o deixava honrado. Ao tempo, Alberto Nunes não dispensa elogios para o órgão estudantil.

Em seu primeiro texto da coluna “Meu Cantinho”, intitulado “Novos Horizontes”, publicado na terceira página da primeira edição do jornal, Alberto Nunes fala da importância da criação de um jornal pela mocidade do Ginásio Estadual Picoense e afirma que a gráfica Ginásial é sinônimo de progresso social, cultural e intelectual para a juventude e a cidade de Picos:

O Ginásio Estadual Picoense começa a dar frutos esplêndidos no campo da cultura e da inteligência: eleição de uma Rainha dos Estudantes, fato inédito em nosso meio e de alto cunho social e, agora, a vitoriosa campanha de obtenção de fundos para a fundação deste jornal. Não é possível fazer mais em tão curto período de dois anos, se não me engano (NUNES, 1952, p. 3).

Há um só tempo o autor exaltou a educação e a cultura, e ainda nesse texto fala sobre a imprensa. No parágrafo acima é feita alusão a escolha da Rainha dos Estudantes, fato social que teria movimentado a cidade e através do qual foi possível arrecadar fundos para comprar a gráfica e produzir o jornal. A ação realizada pelos estudantes do Ginásio Estadual Picoense para manter o funcionamento da tipografia resultava ainda do interesse do jornal de fomentar

a vida cultural e a educação na região que, segundo Alberto Nunes, se encontra em estado de estagnação. Portanto, *Flâmula* aparece como um “novo horizonte” para a mentalidade retrógrada e pouco afeita às novas ideias.

Além de parabenizar o jornal *Flâmula*, Alberto Nunes ainda fez questão de pontuar a independência da linha editorial do jornal que, segundo ele, era “sem política e sem preferências” (NUNES, 1952, p. 3). A afirmação de Alberto Nunes suscita algumas questões, ainda mais quando se constata sua trajetória política no Partido Social Democrática (PSD) e sua atividade no jornalismo como redator-chefe do jornal *A Ordem*, que servia de porta-voz do partido e não poupava esforços para publicar matérias com críticas severas a administração dos udenistas em Picos (SANTOS, 2019, p. 50).

A fim de afirmar a independência do jornal e sua imparcialidade como colaborador, Alberto Nunes justificava que o jornal escolar tinha por finalidade a produção literária e noticiosa voltada para os interesses gerais, “primando, todavia, por uma absoluta neutralidade político-partidária”. Para Alberto Nunes, o jornal *Flâmula* estava a serviço da coletividade e, nesse papel, não marcava posição política e nem religiosa. Nesse sentido, defendia que a função do jornal na imprensa picoense era a de esclarecer fatos importantes e apresentar informações que fosse de utilidade pública, como, por exemplo: resenhar filmes e informar aqueles considerados impróprios para crianças, publicas notas, avisos, editais, leis, anúncios comerciais.

Nota-se no discurso de Alberto Nunes, na coluna “Meu Cantinho”, que ele atribui ao jornal *Flâmula* o papel de divisor de águas da realidade sociocultural de Picos. Tanto que exalta o nome de professores como Miguel Lidiano e Vidal de Freitas, sendo o último mentor e organizador do grêmio estudantil e do jornal *Flâmula* no Ginásio Estadual Picoense, como propulsores da mudança do quadro de estagnação educacional e moral até então existente Picos. Tal discurso se justifica porque durante muito tempo a imprensa em si foi compreendida como sinônimo de progresso e civilização. Não muito diferente, a educação também era vista como instrumento para o progresso, de maneira que “[...] os Ginásios até então se configuravam em um tipo de escola vinculada a centros populacionais urbanizados e desenvolvidos, implicando sua criação um reconhecimento do status de cidade no Estado, fato antes marcado pela criação de Grupos Escolares”, como afirma (SOUSA, 2005, p. 90).

Não obstante, a criação do jornal *Flâmula* no interior do Piauí, em 1952, quando mais de 70% da população de Picos ainda era analfabeta, simbolizava novos rumos para uma cidade ainda marcadamente rural e com parca urbanização. Até 1949, quando foi fundado o

Ginásio Estadual Picoense, a cidade de Picos não oferecia ensino secundário para sua população. Para os filhos que desejavam seguir com o ensino secundário e/ou o superior, o caminho era envia-los para a capital Teresina ou para outros Estados do Brasil. O que não era uma decisão fácil, pois mandar um filho estudar fora da sua cidade demandava despesas na qual nem todos dispunham de recursos ou até mesmo interesse.

Esse quadro da educação de Picos em meados do século XX faz-se necessário para compreender porque a chegada do Ginásio Estadual Picoense e a criação do jornal *Flâmula* são incluídas como parte do progresso e da civilização de Picos. Expressão que fica evidente no discurso de Alberto Nunes quando critica severamente o meio em que vivia e deixa claro que “[...] uma plêiade de jovens se lança, apaixonadamente, às lides jornalísticas para que Picos não seja mais uma negação e uma mentira em matéria de civilização” (NUNES, 1952, p. 3).

O que se sabe ao certo é que Alberto Nunes possuía divergências políticas com os udenistas que administravam a cidade de Picos desde 1945. Com isso, através do discurso que ficou materializado no jornal *Flâmula*, é possível perceber as críticas feitas a situação da cidade no ano de 1952, ao mesmo tempo em que valoriza a educação e o papel do Ginásio Estadual Picoense para o progresso moral. Alberto Nunes faz referência à estagnação da cidade e a necessidade de Picos estar ao lado dos demais municípios do Brasil:

FLÂMULA aparece como resultante dessa metamorfose espiritual e se destina a formar barreira à resistência retrograda do meio ambiente, desacostumado a ideias novas. Sim, Picos precisa formar com os demais municípios brasileiros em que o surto da imprensa é um fator decisivo para o progresso. Basta de viver deitado eternamente em berço esplêndido, quando se sabe que esse berço tem sido apenas para meia dúzia de picoenses (NUNES, 1952, p.03).

O discurso jornalístico de Alberto Nunes, por um lado, pode ser interpretado como o registro da desigualdade social, econômica e cultural existente em Picos, em 1952, na medida em que a educação e a imprensa chegavam apenas para um punhado de beneficiados, a ponto de a grande maioria da população ainda ficar à margem desse “berço”. Mas, por outro lado, quando se analisa a posição política partidária de Alberto Nunes vinculada ao PSD, e afirmação de que, em 1952, “abrem-se novos horizontes e é bem prometedora a mentalidade que surge” com o aparecimento do Ginásio Estadual Picoense e do jornal *Flâmula*, indiretamente, era uma crítica a administração udenista, vista como um período de atraso para a cidade de Picos. Conforme Sousa (2019, p. 50), de 1945 a 1964, o PSD perdeu todas as

eleições para prefeito de Picos para os candidatos da União Democrática Nacional (UDN). E, ainda nesse período, os órgãos de imprensa vinculadas a políticos e/ou grupos familiares do PSD foram utilizados para atacar a gestão udenista.

Dentre os textos publicados na coluna “Meu Cantinho”, de Alberto Nunes, além da matéria intitulada “Novos Horizontes”, que foi analisada de forma detalhada, vale ressaltar que os demais publicados nas edições seguintes. As demais colunas tiveram como título: “Os índios”, na segunda edição de 29 de Março de 1952; “A tragédia do Calvário”, publicado na quarta edição, de 26 de abril de 1952; “Sursum Corda”, publicado na quinta edição de 10 de maio de 1952; “O dia do trabalho”, consta na sexta edição de 24 de maio de 1952; “Betinho”, publicado na sétima edição, de 06 de julho de 1952; “O dedo de Deus”, oitava edição, de 19 de julho de 1952; “Frutos do Ginásio”, nona edição, de 03 de agosto de 1952; “Fabiola”, décima edição, 31 de agosto de 1952; “Maria Joana”, décima primeira edição, 21 de setembro de 1952.

4 Considerações finais

O jornal *Flâmula* desperta o prazeroso trabalho de investigação sobre a imprensa estudantil piauiense e brasileira que ainda carece de estudo. Embora seja digno de registro que já existam trabalhos acadêmicos que elegeram o *Flâmula* como objeto de estudo e/ou analisaram tão-somente o jornal por estudarem a imprensa e a educação no Piauí, isso faz com o desafio de analisá-lo se amplie, para que não seja uma mera repetição de dados já publicados. Nesse sentido, é que se buscou analisar a coluna “Meu Cantinho”, assinada pelo inspetor do Ginásio Estadual Picoense, Alberto Nunes, buscando compreender como se deu a utilização do jornal como instrumento pedagógico e dispositivo para fazer circular ideias, conceitos, críticas e pensamentos de sujeitos que faziam parte ou não da instituição escolar no ano de 1952 e início de 1953.

Através do jornal *Flâmula*, o inspetor Alberto Nunes apresentou suas críticas sobre a cidade de Picos no início dos anos 1950, que ainda se encontrava atrasada em termos de progresso, civilização, urbanização e, sobretudo, na educação, ainda compreendida como privilégio de alguns e meio de transformação social. Os discursos produzidos e publicados por Alberto Nunes, de forma direta e indireta, refletem as críticas e os anseios de um determinado grupo social que pretendia ver a cidade de Picos entrar no rol dos centros populacionais civilizados, urbanizados e desenvolvidos do país, quer por meio da escola

formal, quer pela imprensa. Nos anos 1950, tanto a educação como a imprensa ainda eram vistas como instrumentos importantes para o desenvolvimento moral, social, cultural e intelectual da mocidade picoinense, ainda mais quando os jornais estudantis apareciam como parte fundamental para a formação dos alunos. Assim, o jornal *Flâmula* aparece como uma pequena chama da imprensa estudantil piauiense possibilitando analisar a conjunta educacional, política e sociocultural de Picos no ano de 1952.

Referências

AMARAL, Giana Lange do. Os jornais estudantis *Ecos Gonzagueanos* e *Estudante*: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930-1960). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/F88HVV3DcXkgwJdzm7Jnfnr/?lang=pt>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FLÂMULA. Picos, ano I, n. 1, p. 1, 15 mar. 1952.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009a.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b.

LIMA, Nilsângela Cardoso; SOBRINHO, Francisca Stefanne Orana Alves. A mocidade piauiense e cultura escolar no Piauí do século XIX. In: LIMA, Nilsângela Cardoso. **Páginas da História do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2020, p. 219-251.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951-1954)**. São Leopoldo, 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. O jornal e a revista escolar: seu lugar nos projetos educativos das escolas e sua importância para a escrita da história das instituições escolares. In: LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. (org.). **História de instituições escolares**: sujeitos, práticas educacionais e cultura material. Teresina: EDUFPI, 2016, p. 95-105.

LUTANDO POR IDEAL. **Flâmula**. Picos, ano I, n. 1, p. 3, 15 mar. 1952

NUNES, Alberto. **Flâmula**. Picos, ano I, n. 1, p. 3, 15 mar. 1952

RÊGO, Ana Regina Barros Leal. **Imprensa piauiense**: atuação política no século XIX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

SANTOS, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar:** do Grupo Escolar ao Ginásio Estadual. Teresina, 2005, 161f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

SANTOS, Higo Carlos Meneses de. **Um ginásio para a mocidade picoense:** cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971). Teresina, 2019, 395f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

WERLE, Flávia; BRITO, Lenir Sá; NIENOV, Gisele. Escola Normal Rural e seu impresso estudantil. In: **Educação em Revista**. n. 45, Belo Horizonte, jun. 2007, p. 81-105.